Relação entre o ambiente construído tradicional indígena e as atuais edificações dos Guarani-Kaiowá em Dourados-MS/Brasil

C.S. Barboza, A. Sales, R. C. Almeida, E. A. Caceres e V. V. Silva

RESUMO

A região sul do Estado de Mato Grosso do Sul concentra, em pequenas áreas, grande quantidade de povos de diferentes grupos étnicos indígenas. A cidade de Dourados-MS abriga um complexo de aldeias indígenas urbanas com maior densidade demográfica no Brasil. Criadas em 1965, Jaguapirú e Bororó, possuem juntas uma população superior a 12 mil habitantes que vivem em cerca de três mil e quinhentos hectares. Neste contexto, o presente trabalho buscou entender a relação entre o ambiente construído tradicional indígena e o praticado atualmente pelos Guarani-Kaiowá. Para tanto, realizou-se estudos para verificar as perdas histórico-culturais dos elementos constituintes de suas edificações, a redução sistêmica das áreas de suas aldeias e a intensa inter-relação com outras etnias indígenas que coabitam na mesma região, assim como a relação com o "homem branco". No desenvolvimento da pesquisa foi necessário conhecer a relação deste povo com a terra e o ambiente que os cercam, os aspectos funcionais, culturais e simbólicos presentes em sua edificação tradicional, bem como a situação geográfica, política e social desses indígenas. Por meio dos conceitos metodológicos da pesquisa etnográfica, este trabalho utilizou as seguintes ferramentas: pesquisa bibliográfica e documental, levantamentos fotográficos e arquitetônicos, entrevistas não estruturadas, observações, visitas exploratórias e diário de campo. Os resultados demonstram que as populações estudadas não conseguem expressar e, por consequência, perpetuar seus elementos culturais em uma construção tradicional (não indígena). A análise dos dados e das informações coletadas permitiu concluir que a situação econômica destas populações se assemelha a grupos que podem ser classificados como abaixo da linha da pobreza, e que a faixa etária jovem não mais enxerga a construção tradicional indígena Guarani-Kaiowá como sendo parte integrante do seu dia a dia. Além disso, a escassez de matérias-primas, bem como a falta de espaço físico para abrigar estas edificações tradicionais, colaboram para a degradação do ambiente construído tradicional indígena.

1 INTRODUÇÃO

Distante 229 Km de Campo Grande, a cidade de Dourados, localizada no Mato Grosso do Sul, Brasil, possui uma população indígena de mais de 12 mil habitantes, segundo levantamento de 2013 da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), órgão ligado ao Ministério da Saúde. Este grupo está distribuído em aproximados 3500 hectares, formando as aldeias Jaguapirú e Bororó, que formam a Reserva Indígena de Dourados (RID). Com alta densidade demográfica, as três etnias que vivem no local (Guarani, Terena e Kaiowá), enfrentam diversos problemas sociais, dentre eles a falta de habitação adequada. De acordo com o censo demográfico de 2010, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estas aldeias abrigavam juntas cerca de 2900 famílias, das quais 1200

foram privilegiadas por projetos habitacionais financiadas pelo governo, 200 construíram residências com recursos próprios e 1500 ainda viviam em barracos improvisados com lona e madeira. Além da Jaguapirú e Bororó o município de Dourados abriga um aldeamento menor, em cerca de apenas 60 hectares a aldeia do Panambizinho abriga indígenas majoritariamente Guarani-Kaiowá. (MACIEL, 2012).

Vietta (2007), antropóloga social com ênfase em etnologia e história indígena, cita em seu trabalho, que além das moradias improvisadas os indígenas não conseguem exercer seus costumes por estarem localizados próximos à cidade, em locais desprovidos de rios, para pesca, e matas, para caça e coleta de matéria-prima para edificar suas residências. Além disso, a mistura de etnias causa problemas internos nas aldeias. São povos diferentes que dividem o mesmo espaço e, portanto, não apresentam os mesmos hábitos diários, costumes de reza, a forma que educam suas crianças e o modo que constroem suas casas. A miscigenação forçada que ocorre entre os Guarani, Terena e Kaiowá nas aldeias Jaguapirú e Bororó, pode gerar a extinção dos seus costumes característicos.

Porém, as lideranças e integrantes da RID se mostram contrários às diferenciações impostas por trabalhos acadêmicos ou matérias jornalísticas. A justificativa é de que se trata de uma comunidade única, todos se esforçam para cooperar entre si e manter a paz (PEREIRA, 1999). Ainda de acordo com o autor, tal esforço não significa ressaltar os costumes de uns em detrimento dos outros, a lógica é unir-se para sobreviver e assim poder manter e perpetuar a cultura de cada etnia, mantendo os seus costumes tradicionais. Além das disputas internas, esta região é marcada por uma intensa e longa disputa de terras que remontam desde o século XIX, o estado se omite e os processos de estudos antropológicos para reconhecimento e demarcação dos territórios originalmente indígenas já duram algumas décadas. (SANTANA JUNIOR, 2009)

Este trabalho buscou em seu desenvolvimento não fazer diferenciações significativas às etnias, pois, o principal objetivo foi conhecer, analisar e documentar as tecnologias construtivas tradicionais destes povos relacionando-as com o modo que estes edificam suas moradias atualmente. Neste sentido a presente pesquisa se justifica como um instrumento de busca e análise de técnicas e formas construtivas pouco analisadas por trabalhos técnicos da área da construção civil como soluções potenciais para problemas sociais relacionados ao ambiente construído das atuais moradias.

O entendimento do sentido de territorialidade e ambiência, tão distante dos conceitos dos não indígenas, foi fundamental para a construção de conceitos de análise das edificações Guarani-Kaiowá. Ao descrever o significado da palavra *Tekohá*, Almeida e Mura (2003) dão pistas da complexidade e da riqueza de sentidos atribuídas a um ambiente construído indígena.

> Os Guaranis denominam os lugares que ocupam de tekoha, significando o lugar físico - terra, mato, campo, águas, animais, plantas, remédios, etc. - onde se realiza o teko, o "modo de ser", o estado de vida guarani. O tekoha engloba a efetivação de relações sociais de grupos macro familiares que vivem e se relacionam em um espaço físico determinado. Idealmente este espaço deve incluir, necessariamente, o ka'aguy (mato), elemento apreciado e de grande importância na vida desses indígenas como fonte para coleta de alimentos, matéria-prima para construção de casas, produção de utensílios, lenha para fogo, remédios, etc. O ka'aguy é também importante elemento na construção da cosmologia, sendo palco

> de narrações mitológicas e morada de inúmeros espíritos. Indispensáveis no espaço Guarani são as áreas para plantio da roça familiar ou coletiva e a construção de suas habitações e lugares para atividades religiosas (ALMEIDA & MURA, 2003, apud Santana Junior, 2009).

2 METODOLOGIA

A primeira parte da pesquisa se deu por meio de uma intensa pesquisa bibliográfica e documental, que possibilitou a identificação dos trabalhos desenvolvidos sobre o tema, pesquisas relacionadas à descrição dos povos indígenas brasileiros, sendo priorizados os trabalhos que tratavam daqueles pertencentes ao tronco linguístico-cultural dos povos que habitam a região da Grande Dourados. Nesta fase buscou-se ainda, delinear os fatores históricos e geográficos que são intrínsecos à população indígena desta região.

Na segunda parte, seguindo-se os passos metodológicos da pesquisa etnográfica, foram feitas visitas exploratórias com a finalidade de se observar e se obter novos conhecimentos com estes povos locais. Nestas visitas a campo, foi possível conhecer as técnicas construtivas tradicionais desenvolvidas pelos Guarani-Kaiowá, bem como a situação atual de suas moradias, os materiais utilizados para as suas construções e os seus detalhes construtivos. Por meio de levantamentos fotográficos e arquitetônicos a realidade pode ser captada, porém, se fez necessárias complementações, já que estas populações mantêm o costume de perpetuar os seus conhecimentos de forma oral, as entrevistas não estruturadas com lideranças e demais indígenas buscaram preencher as possíveis lacunas deixadas pelos dados obtidos por meio de observações.

Com os dados de campo e as bibliografias levantadas sobre o tema, a terceira etapa se deu a partir da comparação e análise entre as características do ambiente construído tradicional dos Guarani-Kaiowá e as suas edificações atuais.

3 O AMBIENTE CONSTRUÍDO TRADICIONAL E CONTEMPORÂNEO

3.1 A cosmologia ligada às edificações

As culturas tribais, especialmente as ligadas aos povos indígenas brasileiros, traduzem os seus ensinamentos por meio de cantos, estórias, mitos e ritos. A ligação intrínseca entre o "ser" e as suas crenças é evidenciada de maneira bastante forte no cotidiano destes povos. As suas composições cosmológicas não se restringem a explicar apenas como é organizada a evolução do universo e de seus seres. Para estes povos ela dá sentido à sua existência e norteia os seus passos.

> São teorias do mundo. Da ordem do mundo, do movimento no mundo, no espaço e no tempo, no qual a humanidade é apenas um dos muitos personagens em cena. Cosmologias definem o lugar que os humanos ocupam no cenário total e expressam concepções que revelam a interdependência permanente e a reciprocidade constante nas trocas de energias e forças vitais, de conhecimentos, habilidades e capacidades que dão aos personagens a fonte de sua renovação, perpetuação e criatividade. Na vida cotidiana, essas concepções orientam, dão sentidos, permitem interpretar acontecimentos e ponderar decisões. São expressas através da linguagem simbólica da dramaturgia dos rituais. Música, ornamentos

> corporais, entre outros recursos, permite o contato com outras dimensões cósmicas, com momentos outros do mundo e do processo da vida (e da morte). (LOPES DA SILVA, 1995)

Zanin e Sattler (2006) relatam que os Guarani possuem uma íntima ligação com o meio ambiente que os circundam, já que a natureza é extensão de seus corpos físicos. Essa ligação não é, segundo os autores, apenas uma expressão ideológica ou integrante de seu imaginário, em um relato transcrito, um indígena desta etnia descreveu sentir dores físicas ao ver a uma pedreira em funcionamento. Segundo ele, estavam quebrando a cabeça da Terra.

Ao descrever a arquitetura tradicional Guarani, Kuhl e Schallenberger (2014) ressaltam que o fator mais importante das edificações é a simbologia que reveste o seu uso, revelando a vida do grupo por meio de suas práticas culturais, em suas cerimônias e manifestações de sua tradição. Os ambientes construídos, portanto, representam apenas a "casca". De maneira análoga a uma árvore, a camada externa, visível aos olhos, é apenas uma parte muito reduzida do que representa o todo. O que dá sustentação, vida e alimenta a casca é o seu interior. O cerne destes povos se baseia em suas experiências cosmológicas.

> [...]Sendo assim, é possível concluir que a arquitetura material, aquela que é visível, palpável e descritível não representa tudo aquilo que realmente faz sentido ao 'modo de ser Guarani'. É, portanto, a força das palavras e das ações que justificam toda a dinâmica religiosa do grupo e não as características físicas apresentadas.
> Esta arquitetura que nos propusemos a analisar reflete, portanto, uma arquitetura do simbólico, da representação e não do material físico. O aspecto mais relevante para estes grupos étnicos é a 'força do sentido' que se constrói no dia-a-dia, na significação que se cria a partir do uso e das práticas cerimoniais realizadas no local. É uma arquitetura que transcende o material, é imaterial; é o sagrado, o simbólico que se cria lentamente através das pessoas, dos ritos, da significação que se incorporam na cultura através das práticas cotidianas. (KUHL e SCHALLENBERGER, 2014).

Não é possível entender o ambiente construído dos Guarani-Kaiowá sem que se tenha noção do que estes espaços representam para a sua cultura. A arquitetura é consequência do universo cosmológico do grupo, ela é representação espacial dos símbolos e crenças do seu imaginário coletivo.

A complexidade da relação entre a racionalidade e os fatores irracionais fornecidos pela percepção destes povos é expressa por meio de sua simbologia singular, sendo esta, um produto daquela, relacionado tanto os seus pensamentos quanto os sentimentos. A materialização de elementos culturais mexe tanto com as sensações quanto as possíveis intuições que se derivam destes símbolos. (SCHALLENBERGER, 2011).

A territorialidade assim como as edificações são fatores fundamentais para a expressão e manutenção da cultura destes povos. A construção de suas moradias é dotada de sentido e para cada parte ou estrutura desses espaços há uma explicação fundamentada em seus mitos e crenças. A rica rede de sentidos e símbolos destas edificações pode ser observada na descrição do cacique geral representante do povo Guarani no Rio Grande do Sul.

> [...] A casa também representa um tekohá, pois seus pilares centrais são os homens, os externos as mulheres, as vigas de cobertura as crianças e o centro não visível o Karaí – liderança espiritual. (PRUDENTE, 2007)

3.2 Arquitetura das edificações tradicionais

Atender as necessidades básicas de moradia, segurança e abrigo às intempéries, sempre foi algo imprescindível ao longo da história do ser humano, as soluções construtivas adotadas por diferentes povos se manifestam de diversas maneiras, porém, ao se comparar diferentes povos, estas apresentam uma mesma singularidade: buscam utilizar-se de materiais presentes na natureza que os circundam. Tradicionalmente a etnia Guarani se instalava em determinada localidade devido à disponibilidade de alimentação, relevo e clima, estes povos possuíam a característica de se deslocarem de tempos em tempos, sendo as suas edificações adequadas a esta dinâmica. As edificações eram leves e de fácil construção, já que tinham caráter temporário (KUHL e SCHALLENBERGER, 2014).

A técnica construtiva empregada seguia a mesma ordem construtiva das edificações dos não indígenas atuais. Primeiramente se construía as estruturas e posteriormente se montavam as vedações verticais, que não tinham funções estruturais. Diversos autores descreveram a tecnologia construtiva dos Guarani-Kaiowá. Chamorro (2015) faz uma síntese dos primeiros relatos das edificações destes povos, citando o padre Amaral (1902), Königswald (1908) e Borba (1908), em ambas as visões é possível perceber que estas tribos já se organizavam de maneira bastante eficiente possuindo, nas palavras dos relatores, características semelhantes aos “civilizados”. Ainda segundo os mesmos, as edificações eram feitas de taquaras, palha, cipó e nas moradias menores utilizava-se a técnica de pau a pique. As edificações podiam ter cumeeiras com até 5 metros de altura, as vigas, ripas e terças eram amarradas com cipó e a cobertura era de folhas de palmeiras. (CHAMORRO, 2015).

> Em relação à técnica construtiva das obras existentes no Tekoha Añetete, percebe-se que, igualmente como em outras construções, primeiramente é feita a parte estrutural da residência: são cravados no chão madeiras e galhos roliços ou troncos de palmeira na posição vertical, como se fossem colunas para sustentação das paredes; em seguida são afixadas as tesouras

> na parte superior da obra, com o mesmo material da parte inferior a fim de sustentar a cobertura (KUHL e SCHALLENBERGER, 2014).

As casas poderiam abrigar até uma centena de pessoas, quando a aldeia era organizada em casas comuns, a arquitetura destas edificações se caracterizava por possuírem forma ogival semelhante a uma canoa virada, com as águas do telhado descendo até o chão, a casa grande Kaiowá possuía grande estabilidade estrutural, sendo esta capaz de resistir às intempéries por vários anos (SCHADEN, 1962).

Atenção especial se dava à necessidade da utilização do fogo dentro destas moradias. Para Chamorro (2015), o fogo era de fundamental importância nas casas, sejam elas pertencentes às famílias nucleares ou em edificações de moradia agrupada, além de um elemento sagrado na cosmologia destes povos, ele possuía a função de aquecer o ambiente nas noites de frio, curar doenças e preparar os alimentos. Nas visitas realizadas à aldeia Jaguapirú, a primeira palavra que aprendemos em Guarani, ensinada por um menino de oito anos que nos acompanhou juntamente com o seu pai, foi: *tatá* (fogo) evidenciando esta intima relação, presente inclusive nas gerações mais recentes. O local visitado, a *Jeroky Guasu* "A grande casa de reza" do povo Guarani e Kaiowá, localizada a cerca de 800m da rodovia MS-156. A construção pode ser avistada de longas distâncias. As casas de reza Guarani-Kaiowá podem ser consideradas juntamente com aqueles que praticam os ritos sagrados como o eixo central da manutenção de suas tradições e ritos. (KUHL E SCHALLENBERGER, 2014)

> A idéia é de que a opy "casa de reza" é tanto um suporte do mundo como a via de contato entre o divino e o humano. [...] O espaço onde a opy se encontra é entendido como o lugar do refugio e da atualização da memória e da identidade do grupo. (ASSIS, 2006).

Neste local, conforme a figura 1a-1b pode-se observar a aplicação descrita nas bibliografias pesquisadas, detalhes construtivos tradicionalmente utilizados por Guarani-Kaiowá assim como o modo de vida marcado por uma grande conexão com o sagrado.

(a) **(b)**

Fig. 1 Grande Casa de Reza Guarani-Kaiowá

Em uma roda de conversa, a liderança local nos explicou que esta construção demorou cerca de seis meses para ser concluída, sendo a fase de preparação das madeiras e a cobertura com sapé as mais complexas e que demandaram mais tempo. Nos relatou ainda que a estrutura já passou por reformas, sendo completamente desmontada e reedificada posteriormente.

(a) **(b)**

Fig. 2 Detalhes construtivos no interior da Grande Casa de Reza Guarani-Kaiowá

Os detalhes de encaixes e amarrações, como visto na figura 2a-2b, chama atenção pela complexidade e precisão construtiva. O telhado, em uma inspeção visual, demonstra grande simetria e robustez. As tesouras posicionadas de cinco em cinco metros possibilitam criar um grande espaço interno sem a necessidade de pilares no centro da edificação. A altura do pé direito: aproximados seis metros e a cobertura vegetal propiciam no interior da edificação boa proteção ao calor, que nesta região é intenso.

3.3 A situação atual das moradias nas aldeias

Nas aldeias, as casas tradicionais são construídas conforme as crenças e tradições das comunidades indígenas com o propósito de atender as necessidades dessa determinada comunidade. Os materiais utilizados na sua construção são provenientes da natureza, como por exemplo, madeira, palhas, sapé, entre outros (CARRINHO, 2010). No entanto, devido à grande população, a escassez dos recursos naturais e a proximidade com o perímetro urbano, que influencia diretamente no processo de reconstrução de vida desta população, acarretam no abandono dos traços tradicionais ainda restantes (SANTANA JUNIOR, 2009).

Ainda, devido à alta densidade demográfica e a condição de vulnerabilidade social, as atuais edificações são em sua maioria feitas com materiais improvisados provenientes da coleta de rejeitos da construção civil urbana e do lixo doméstico. O resultando desta situação pode ser verificado às margens da rodovia MS 156, que corta a RID ao meio: famílias vivendo em condições sub-humanas, morando em barracos improvisados sem saneamento básico e água potável. Diante deste contexto, surge a demanda de se desenvolver novos materiais e técnicas construtivas tendo como finalidade tornar essas moradias confortáveis e esteticamente agradáveis, contemplando os traços de uma arquitetura tradicional, substituindo materiais que não se tem mais disponibilidade na natureza por alternativas viáveis. (FERREIRA et al 2008).

Buscando entender como se organiza e quais são as possíveis soluções já implantadas nas terras indígenas de Dourados, fez-se visitas à Aldeia Panambizinho a aproximados 35 km do centro de Dourados MS. Nestas idas a campo, pode-se observar os contrastes existentes nas construções ali presentes. Na propriedade de uma das lideranças locais escolhida para a realização da pesquisa, foi verificado, conforme figura 3a-3b, que a sua moradia possuía

características das edificações dos não indígenas, sendo construída com vigas, pilares de concreto e paredes de tijolos cerâmicos.

(a) **(b)**

Fig. 3 Casa de alvenaria na aldeia de Panambizinho

Ainda na mesma propriedade, outras duas edificações ainda em construção demonstravam a busca pelo resgate das tradições. Ambas possuem formatos arquitetônicos retangulares, com o menor lado formando um semicírculo e piso em chão batido. A primeira usava como elemento de vedação vertical paredes confeccionadas com a técnica de Superadobe [1] (figura 4a-4b), sendo o telhado da edificação sustentado por quatro pilares de eucalipto de grande diâmetro e comprimento. Possuía duas tesouras travadas com encaixes metálicos, sendo suas ripas e terças feitas de bambu. A cobertura desta edificação será de sapê.

(a) **(b)**

Fig. 4 Construção de casa com parede de solo-cimento na aldeia de Panambizinho

A segunda edificação (figura 5a-5b), uma futura casa de reza ainda em processo de construção de estruturas, denotou que o resgate cultural passa pela construção de espaços que ligam os Kaiwá às suas raízes. Muitos elementos e a técnica construtiva empregada remetem às edificações tradicionais visitadas, porém verificou-se que em determinados aspectos adotaram-se materiais clássicos da construção civil atual, tais como: fundação em concreto, estrutura do telhado antes feita em amarração em cipó, agora se utilizando pinos e parafusos para suas ligações.

[1] Técnica construtiva onde se utilizam bolsas de polietileno preenchidas com solo-cimento, estas bolsas são empilhadas e compactadas, dando origem às vedações verticais das edificações.

(a) **(b)**

Fig. 5 Detalhes construtivos da futura casa de reza na aldeia de Panambizinho

Situação semelhante descrita por Costa (1993), onde o autor afirma que os acabamentos das edificações tradicionais eram feitos de materiais naturais tradicionais e locais, como o cipó, a argila e a taquara. Porém também se encontrou a utilização de materiais improvisados e não tradicionais como: a utilização de arames e pregos, além de dobradiças metálicas nas portas e janelas. Estes materiais, ainda de acordo com o autor, são utilizados com maior frequência nas edificações destinadas à moradia. Nas casas de reza se procura manter com o máximo de fidelidade a tradição construtiva indígena.

3.4 O poder público nas aldeias

Criada em 1917 pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) – atual Fundação nacional do índio FUNAI, a RID só foi homologada como território indígena pelo poder público em 1965. Sempre sofreu com o descaso por meio dos órgãos públicos, porém nos seus 25 primeiros anos essa situação foi mais intensa. Somente em 1990, quando as consequências causadas pela alta densidade demográfica, convivência forçada de etnias diferentes, proximidade de áreas urbanas e os demais problemas causados por este contato tornou a RID a mais problemática do país, sendo registrados uma taxa aproximada de 24 casos de suicídio ao ano (BARBOZA, 2002).

A partir deste cenário, o poder público começou a implementar ações de politicas públicas com o interesse maior em minimizar essas consequências. A Prefeitura de Municipal de Dourados realizou parcerias com órgãos públicos e privados para a criação de projetos como "Mandioca na Mesa", "Ações Comunitárias", "Viveiros de Mudas *Araporã*", "Centro Comercial da Produção Indígena", com destaque para o projeto de habitação "Estrela *Ará Poty*" executado em 2005 pela parceria da Prefeitura Municipal de Dourados, FUNAI, FUNASA e Caixa Econômica Federal. Este projeto teve como principal objetivo minimizar a falta de moradia, disponibilizando a cada família uma unidade habitacional, e também, levar para as aldeias o abastecimento de água e energia elétrica. Como resultado edificou 200 unidades habitacionais, onde 90 destas eram para os indígenas da aldeia Jaguapirú e 110 para os da aldeia Bororó. Em princípio, o projeto previa a construção das moradias com tijolos a base de solo-cimento, conhecidos popularmente como "tijolos ecológicos" (composto por 14 partes de terra, uma parte de cimento e 20% de água) por não necessitarem de barro extraído das margens de rios e nem de queima para a sua confecção. Por se tratar de uma técnica simples de produção, a intensão era gerar renda e

ocupação para a população local. Porém esse tipo de habitação (construída com "tijolos ecológicos") não obteve sucesso. Foram construídas apenas 39 unidades habitacionais na aldeia Jaguapirú e 18 na aldeia Bororó, devida à baixa qualidade e por requerer muito tempo para sua confecção. (SANTANA JUNIOR, 2009).

Fig. 6 Casa padrão do programa Estrela Ará Poty, Fonte: Santana Junior (2009)

Na figura 6 pode ser verificada a situação que retrata a realidade de centenas de famílias na RID, ao fundo o barraco improvisado feito com lona, madeira e sapê. As edificações construídas pelo governo apresentam planta padrão, com telhas cerâmicas, esquadrias metálicas e paredes em alvenaria. Com área total de 36,97 m² a casa possui dois quartos com 8,20 m² cada um, sala e cozinha. Estas duas últimas ficam em espaço conjugo com 16,70 m² de área. A unidade sanitária é construída à aproximadamente vinte metros das edificações, utilizando-se os mesmos materiais construtivos empregados no núcleo principal. Situação esta, largamente discutida entre os técnicos governamentais e indígenas, já que a proposta inicial seria inserir estas unidades dentro das casas, conflitando de maneira radical a concepção do espaço construído destas comunidades. Em seu trabalho Calixto "et al" (2009) também verificam esta situação.

> Vale destacar que a discussão sobre a instalação do banheiro gerou muita controvérsia, pois os habitantes da aldeia, devido aos seus valores, costumes e hábitos, não costumam usar esse módulo de higiene junto a casa e, nesse sentido, embora os técnicos tenham insistido para que ocorresse o contrário, os banheiros foram executados fora da área construída, por intermédio de uma parceria com a FUNASA, para se obter os Kits sanitários. (CALIXTO *"et al"*, 2009)

O sistema de esgotamento é implantado por meio de fossas sépticas. A fonte de água potável provém de poços semi-artesianos, que segundo relatos de moradores, muitos estão com níveis bastante baixos e outros já não possuem mais água. As casas contam ainda com o fornecimento de energia elétrica que basicamente eletrificam as poucas lâmpadas presentes na edificação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção e sensação de posse e pertencimento é bastante forte, especialmente entre os mais idosos. A extinção destes povos e seus conhecimentos por meio da privação de recursos financeiros e naturais significa perder vários ensinamentos transpassados de geração em

geração por meio da sua tradição oral. Entre os mais jovens a falta de espaços construídos tradicionais distancia estas novas gerações de uma parte importante de sua cultura.

A relação entre as edificações tradicionais e as atuais é verificada, os detalhes e métodos construtivos estão presentes nas edificações tidas como modelo para os indígenas escutados. A simples avaliação entre o "antigo" e o "novo" não é capaz de entender a complexidade dos conceitos atrelados a uma edificação indígena que vão além dos materiais e formas utilizadas. A classificação de edificação indígena e não indígena não se dá apenas às formas arquitetônicas e sim ao sentido e emoção que aquela traz ao seu usuário.

A intervenção governamental por meio da implantação de moradias que não apresentam nenhuma característica da cultura indígena é mais um fator de degradação e morte destes povos. Não vivenciar e perpetuar o seu *teko* "modo de ser" por meio de seu *Tekohá,* significa além de um processo de aculturamento grave e intenso, um processo de proliferação de problemas sociais atrelados às populações não indígenas. A "morte" dos povos indígenas nesta região apresenta não apenas o sentido relacionado a aspectos étnico-culturais, sendo verificada como consequência final a morte física dos povos Guarani-Kaiowá. Intervenções feitas de forma desestruturada, pautando-se apenas em justificativas de ordem progressistas se mostraram como um grande fator de aculturações. Novas pesquisas nesta área necessitam ser realizadas para que se entenda e assim possam surgir soluções construtivas para o ambiente construído que atendam aos quesitos de conforto e segurança atrelado ao respeito às características peculiares a estes grupos étnico-culturais.

5 REFERÊNCIAS

Almeida, R. F. T. De; Mura F. (2003). **Povos indígenas do Brasil: Guarani, Kaiowa e Ñandeva.** Instituto Sócioambiental, 2003. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/guarani_kaiowa/loc.shtm>. Acesso: em 04 mai. 2016.

Assis, Valéria Soares de. Dádiva (2006). **Mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani**. 2006, 326f. Tese (doutorado em Antropologia). Instituto de filosofia e Ciências Humanas/ UFRGS, Porto Alegre.

Barboza. L. E. G (2002). **A procissão dos mortos vivos Guarani-Kaiowá: contrapondo ao projeto neoliberal de desenvolvimento**. Campo Grande: UFMS.

Calixto, M. J. M. S.; Moreno, Bruno Bomfim ; Yamashita, Ana Cristina (2009). **Para além da fronteira: um olhar sobre a produção da espacialidade indígena no município de Dourados-MS.** In: 12º Encontro de Geógrafos de América Latina, Montevideo. Caminando en una América Latina en transformación. Montevideo, 2009. p. 1-1.

Carrinho, R. G. (2010) **Habitação de Interesse Social em Aldeias Indígenas: uma abordagem sobre o ambiente construído Mbyá-Guarani no litoral de Santa Catarina**. Florianópolis.

Chamorro, Graciela (2015). **História Kaiowá: das origens aos desafios contemporâneos**. Dourados: Editora UFGD.

Costa, C (1993). **O desenho cultural da arquitetura guarani.** In: Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP. São Paulo, n. 4, p. 113-130.

Ferreira, D. B (2008). **Habitação de interesse social sustentável – área indígena buriti, MS, Brasil**. XXI Congresso Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Fortaleza.

IBGE (2010). **IBGE Censo Demográfico 2010 Características gerais dos indígenas Resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012

Kuhl, Gracieli Erna Schubert, and Erneldo Schallenberger (2014). **"Arquitetura e a construção do espaço guarani no oeste do paraná: um estudo de caso na aldeia tekoha añetete**. DOI: 10.5212/MuitasVozes. v. 3i1. 0012." Muitas Vozes 3.1: 205-225.

Lopes Da Silva, Aracy & Grupioni, Luís Donisete B. (Org.). (1995). **A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1° e 2° graus**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO.

Maciel, Nely Aparecida (2012). **História da Comunidade Kaiowá da Terra Indígena Panambi- zinho (1920-2005)**. Dourados: Ed. UFGD. 210p.

Pereira, L. M (1999). **Parentesco e organização social Kaiowá**. Dissertação (Mestrado). IFCH/UNICAMP, Campinas.

Prudente, L. T (2007). **Arquitetura Mbyá – guarani na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul: Estudo de Caso do Tekoá Nhüu Porã**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre - RS.

Santana Junior, J. R (2009). **A reserva indígena de Dourados-MS: considerações iniciais sobre o modo de vida Guarani**. In: ENCONTRO DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA, 12. Anais. Montevideu,

Schaden, E (1962). **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

Schallenberger, Erneldo (2011). **Identidades nas fronteiras: território, cultura e história**. São Leopoldo: Oikos.

Vietta, Katya. (2007). **Histórias sobre terras e xamãs kaiowa: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowa de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo.

Zanin, Nauíra Zanardo e Sattler, Miguel Aloysio (2006). **Abrigo na natureza: sustentabilidade na habitação mbyá-guarani frente às intervenções externas.** XI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Florianópolis-SC.